

BIODIVERSIDADE

ÁFRICA AUSTRAL

Aberto hoje primeiro Salão Internacional Pág. 3

Elefantes regressam às origens Pág. 3



REPOVOAMENTO

Arca de Noé um projecto que renova a Quiçama

Presidente José Eduardo dos Santos liderou a maior operação do mundo de transporte de animais por via aérea.

Pág. 4 e 5

Domingo, 5 de Junho de 2016 - Suplemento do Jornal de Angola - Coordenação: Manuela Gomes

www.jornaldeangola.co.ao

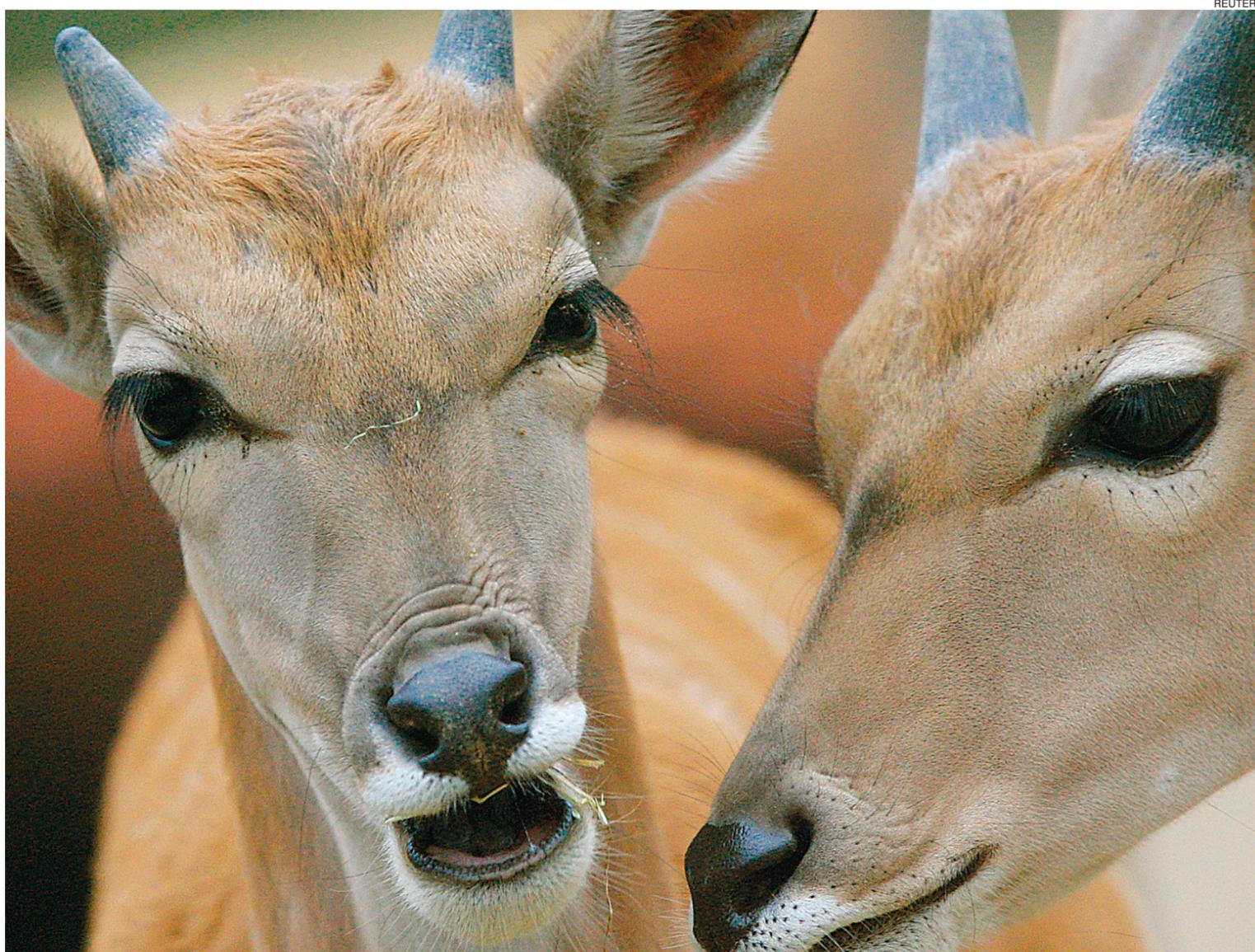
Ambiente



Exemplo de cooperação regional

CONSERVAR A NATUREZA

Vida amiga do homem



REUTERS

A conservação da fauna animal é determinante para a qualidade de vida da sociedade contribuindo para tornar a vida mais amiga do homem

LEI DE BASES

Quadro legislativo moderno e eficaz

Angola possui uma legislação moderna que regula as questões ambientais, o que confirma o comprometimento do país para com o Ambiente. O trabalho começou com a aprovação, pela Assembleia Nacional, em 1998, da Lei de Bases do Ambiente, que abriu caminho para uma legislação ambiental inovadora. Entre os diplomas mais relevantes, destaque para a Política Nacional da Floresta e Fauna Selvagem, o Programa de Acção Nacional de Combate à Desertificação, a Lei de Terras, a Lei das Associações de Defesa do Ambiente, a Lei sobre a Criminalização das Infracções Subjacentes ao Branqueamento de Capitais e a Estratégia e Plano Nacional da Biodiversidade e a Resolução que aprova a Política Nacional de Florestas, Fauna Selvagem e Áreas de Conservação. **Pág. 8**

CONSULTA PÚBLICA

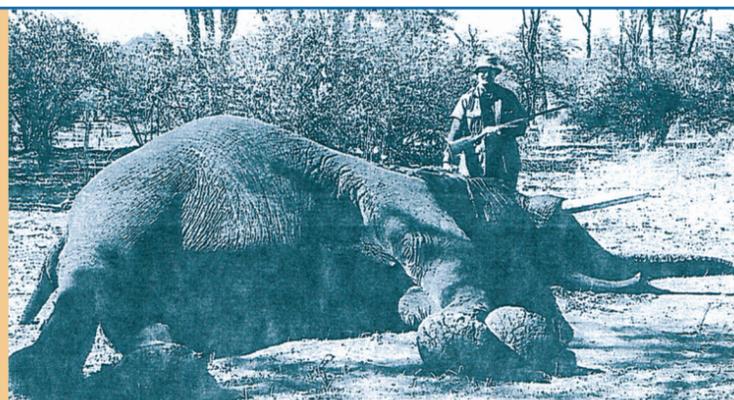
O plástico prejudicial ao ambiente

Pág. 3

EDITORIAL

Compromisso firme com o ecossistema

Os esforços conjuntos, a todos os níveis, podem fazer com que Angola consolide a sua posição na linha da frente dos países que mais têm trabalhado para que possamos viver num mundo cada vez mais amigo do Ambiente. **Pág. 2**



Caça e contrabando serviram para financiar a guerra contra Angola

CONTRABANDO

Os crimes do apartheid e de Savimbi

Os crimes contra o ambiente praticados pelo apartheid em Angola ganharam dimensão em 1975 com Operação "Savannah" e contaram com cúmplices na UNITA. **Pág. 6 e 7**



NICOLAU VASCO

Taxa para quem usa sacos plásticos

Editorial

Compromisso firme com o Ambiente

Ao eleger este ano Angola como país sede para as comemorações oficiais do Dia Mundial do Ambiente as Nações Unidas mais não fizeram do que reconhecer, implicitamente, os esforços práticos que o País vem fazendo no sentido de consolidar e aprimorar o seu contributo para a defesa ambiental, de um modo global, através de diversas acções que reafirmam, inequivocamente, o compromisso firme de protecção da biodiversidade.

O mais recente exemplo prático desse compromisso foi dado sexta-feira, no Cuando Cubango, com a destruição de uma enorme quantidade de marfim que havia sido apreendida nas mãos de traficantes internacionais, numa cerimónia assistida por dezenas de jornalistas estrangeiros e aplaudida por altos responsáveis das Nações Unidas ligados às questões ambientais que também se encontram em Angola.

Esse compromisso, respaldado no empenho que Angola tem tido nas diferentes conferências internacionais onde tem participado, foi aliás amplamente reconhecido pela queniana Lisa Rolls, chefe da campanha do Programa das Nações Unidas para o Ambiente. Esta renomada especialista apontou como exemplo a activa participação de Angola no desenvolvimento do projecto turístico Okavango-Zambeze e onde está excelentemente espelhada a diversidade biológica do País. Trata-se de um programa transfronteiriço que abrange diversos países da região, como a

Zâmbia, Zimbabwe, Namíbia, Botswana e Angola.

Este tipo de projectos, que estão a catapultar o País para o centro das atenções internacionais, são o reflexo claro de escolhas políticas modernas e adequadas às respostas a dar às preocupações internacionais sobre o problema que se prende com os mecanismos a usar para salvaguardar a defesa do Ambiente.

Na recente Cimeira Internacional de Paris, a posição de Angola, excelentemente expressa pelo ministra do Ambiente, Fátima Jardim, foi atentamente ouvida e elogiada pelos diferentes países presentes no evento, o que representa uma importante mais-valia para todos os que lidam com as questões ambientais.

Definitivamente, Angola está entre os países que cumpre com aquilo que promete e não se revê nas posições hipócritas de algumas potências, que exigem aos outros aquilo que eles se recusam a fazer. Tentando exercer a sua influência política, muitos países obrigam os mais pobres à tomada de exigentes medidas para a protecção do Ambiente, “esquecendo-se” de darem o devido exemplo, recusando mesmo a aceitação da ideia de se esforçarem para contribuírem para um Planeta menos poluído.

O nosso País, até pela sua vasta extensão territorial, ainda tem algumas dificuldades, por exemplo, em fazer um combate mais cerrado ao comércio ilegal de animais selvagens e ao tráfico de marfim. Trata-se de uma situação compreensível e que obriga à necessidade de haver uma

maior interligação com diferentes países da região. Esse trabalho está a ser feito, contribuindo para isso o já referido projecto Okavango-Zambeze, e prova disso foi a enorme quantidade de marfim apreendido desde Janeiro nas fronteiras angolanas e que foi agora destruído no Cuando Cubango.

O Ministério do Ambiente, honra lhe seja feita, tem sido incansável na liderança de projectos nacionais que visam a defesa do clima e perseverante no modo como se tem empenhado nos certames internacionais que visam, precisamente, a criação de condições para a melhoria do nosso Planeta.

Também a nível legislativo, como se pode verificar neste caderno AMBIENTE alusivo ao Dia Mundial do Ambiente, as coisas têm estado a andar, havendo uma série de leis que visam, claramente, criar as balizas de actuação para todas as organizações que estão empenhadas nesta luta.

As forças da ordem pública também têm um importante papel a desempenhar na criação dos mecanismos que permitam um combate mais eficaz ao tráfico que envolve animais selvagens, fazendo uso das novas tecnologias de vigilância para melhor poderem monitorar o espaço territorial do País.

É de todos estes esforços conjuntos que podem resultar as medidas para que Angola consolide a sua posição na linha da frente dos países que mais têm trabalhado para que possamos viver num mundo cada vez mais amigo do Ambiente.

Nesta edição

4 Ambiente

Domingo, 5 de Junho de 2016

CAPITAL ANGOLANA ACOLOHE ACTO MUNDIAL DO DIA DO AMBIENTE

Luta contra o comércio ilegal da fauna

MANUELA GOMES

Angola alberga hoje as comemorações do Dia Mundial do Ambiente, data instituída pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1973, para assinalar as acções de protecção e preservação do ambiente, alertar as populações e os governos sobre a necessidade de salvar o ambiente.



Angola alberga hoje as comemorações do Dia Mundial do Ambiente, data instituída pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1973, para assinalar as acções de protecção e preservação do ambiente, alertar as populações e os governos sobre a necessidade de salvar o ambiente.

MUNDO CELEBRA DIA DO AMBIENTE Luanda acolhe Salão da Biodiversidade

MANUELA GOMES

O 1.º Salão Internacional da Biodiversidade e do Turismo, uma iniciativa do Ministério do Ambiente, em parceria com a Feira Internacional de Luanda (FIL) e com apoio do programa das Nações Unidas para o Ambiente, realizou hoje na capital o seu acto oficial do Dia Mundial do Ambiente que tem Angola como país anfitrião.



Salão da Biodiversidade e do Turismo, uma iniciativa do Ministério do Ambiente, em parceria com a Feira Internacional de Luanda (FIL) e com apoio do programa das Nações Unidas para o Ambiente, realizou hoje na capital o seu acto oficial do Dia Mundial do Ambiente que tem Angola como país anfitrião.

Sub o lema “A luta contra o comércio ilegal da fauna e da flora selvagens” a exposição, que levará a visita por cerca de 500 pessoas, conta com mais de 30 expositoras nacionais e estrangeiras, as quais, através de painéis, vídeos e outros materiais, sensibilizam a população para a importância da conservação da biodiversidade e do turismo sustentável.

Nações Unidas vai continuar a apoiar a Governação angolana, nas áreas de protecção ambiental e desenvolvimento sustentável. O projecto de iniciativa transfronteiriça que teve o seu início em 2011, onde são países membros cinco países africanos: Namíbia, Zâmbia, Angola, Botswana e Zimbabwe.

A biodiversidade constitui uma riqueza natural de grande importância para a protecção ambiental e o desenvolvimento sustentável. O Ecosistema regula o clima, protege a qualidade da água e a fertilidade do solo, regula o ciclo da água e a qualidade do ar, regula o ciclo da água e a qualidade do ar, regula o ciclo da água e a qualidade do ar.

O Director Executivo do Programa das Nações Unidas para o Ambiente (PNUA), Achim Steiner, garantiu que aquele organismo das Nações Unidas vai continuar a apoiar a Governação angolana, nas áreas de protecção ambiental e desenvolvimento sustentável.

Os crimes do apartheid e de Jonas Savimbi contra o ambiente com símbolos da organização cravados de marfim

Os crimes do apartheid e de Jonas Savimbi contra o ambiente com símbolos da organização cravados de marfim

Os crimes do apartheid e de Jonas Savimbi contra o ambiente com símbolos da organização cravados de marfim

Os crimes do apartheid e de Jonas Savimbi contra o ambiente com símbolos da organização cravados de marfim

6 Ambiente

Domingo, 5 de Junho de 2016

CONTRABANDO DE MARFIM E CHIFRES DE RINOCERONTE NA JAMBA

Os crimes do apartheid e de Jonas Savimbi

JOSE RIBEIRO

Os crimes contra o ambiente praticados pelo apartheid em Angola ganharam uma nova dimensão em 1973, com a “Operação Savimbi”. A invasão das FAPLA pelo sul do território angolano levou a colocar no poder a Jamba Savimbi. A UNITA, criada em 1982, iniciou a luta armada contra o regime de Jonas Savimbi, em 1983, com o apoio de combatentes de Cuba, da Guiné Consoy, da Moçambique e de outros países, os quais invadiram as zonas de Jamba. Ao longo do percurso, foram destruídos todos os meios de transporte e de comunicação, bem como os equipamentos das fábricas de açúcar e de outros produtos.



Os crimes do apartheid e de Jonas Savimbi contra o ambiente com símbolos da organização cravados de marfim

Os crimes do apartheid e de Jonas Savimbi contra o ambiente com símbolos da organização cravados de marfim

Os crimes do apartheid e de Jonas Savimbi contra o ambiente com símbolos da organização cravados de marfim

Os crimes do apartheid e de Jonas Savimbi contra o ambiente com símbolos da organização cravados de marfim

Os crimes do apartheid e de Jonas Savimbi contra o ambiente com símbolos da organização cravados de marfim

Os crimes do apartheid e de Jonas Savimbi contra o ambiente com símbolos da organização cravados de marfim

Os crimes do apartheid e de Jonas Savimbi contra o ambiente com símbolos da organização cravados de marfim

Factores atrádores

Factores atrádores

Factores atrádores

FICHA TÉCNICA

Ambiente

Coordenação: Manuela Gomes

Paginação, Pré-impressão

e Impressão: Edições Novembro-E.P

Projecto Gráfico: Albino Camana

e Henriques Fastudo

Aberto hoje

primeiro Salão

Elefantes regressam

Internacional... às origens...

Aberto hoje

primeiro Salão

Elefantes regressam

Internacional... às origens...

Aberto hoje

primeiro Salão

Elefantes regressam

Internacional... às origens...

Aberto hoje

primeiro Salão

Elefantes regressam

Internacional... às origens...

Aberto hoje

primeiro Salão

Elefantes regressam

Internacional... às origens...

Aberto hoje

primeiro Salão

Elefantes regressam

Internacional... às origens...

Aberto hoje

primeiro Salão

Elefantes regressam

Internacional... às origens...

Aberto hoje

primeiro Salão

Elefantes regressam

Internacional... às origens...

Aberto hoje

primeiro Salão

Elefantes regressam

Internacional... às origens...

Aberto hoje

primeiro Salão

Elefantes regressam

Internacional... às origens...

Aberto hoje

primeiro Salão

Elefantes regressam

Internacional... às origens...

Aberto hoje

primeiro Salão

Elefantes regressam

Internacional... às origens...

MUNDO CELEBRA DIA DO AMBIENTE

Luanda acolhe Salão da Biodiversidade

MANUELA GOMES |

O 1º Salão Internacional da Biodiversidade e Ecoturismo, uma iniciativa do Ministério do Ambiente, em parceria com a Feira Internacional de Luanda (FIL) e com apoio do Programa das Nações Unidas para o Ambiente, assinala hoje as celebrações oficiais do Dia Mundial do Ambiente que têm Angola como palco central.

Sob o lema “A luta contra o comércio ilegal da fauna e da flora selvagem” a exposição, que deverá ser visitado por cerca de 500 pessoas, conta com mais de 50 expositores nacionais e estrangeiros, na sua maioria empresas ligadas às tecnologias limpas e ao turismo sustentável, estando também prevista a realização de diversas palestras e mesas redondas com intervenções de técnicos e especialistas provenientes de diferentes partes do mundo.

A ter lugar no Centro de Convenções de Talatona, o evento serve para marcar o acto central do Dia Mundial do Ambiente, que pela primeira vez tem como palco a cidade de Luanda. Durante o evento, ambientalistas de várias partes do mundo farão uma profunda reflexão e procurarão soluções para combater a caça furtiva e o comércio ilegal de marfim em todo o mundo.

PNUA garante apoio

O Director Executivo do Programa das Nações Unidas para o Ambiente (PNUA), Achim Steiner, garantiu que aquele organismo das



Largo do Ambiente é um dos novos lugares de visita da cidade de Luanda e simboliza o compromisso com a natureza

Nações Unidas vai continuar a apoiar o Governo angolano, nas suas acções de protecção e desenvolvimento do Projecto Turístico Okavango-Zambeze.

O projecto é uma iniciativa transfronteiriça que teve o seu início em 2011, onde são partes signatárias cinco países africanos: Namíbia, Zâmbia, Angola, Botswana e Zimbabwe.

Achim Steiner considerou esta iniciativa extremamente importante, uma vez que abrange uma vasta área de protecção natural do continente africano para a qual o Executivo angolano tem procurado desenvolver várias políticas e programas específicos. Além das políti-

cas nacionais em prol do Okavango-Zambeze, Achim Steiner, disse que o sistema das Nações Unidas, o PNUD, PNUA e a UNESCO trabalham juntos para ajudar Angola, na conservação e desenvolvimento de outros projectos. Para o alto funcionário das Nações Unidas, a conservação é um trabalho não só para a protecção da natureza, mas também para servir os povos, principalmente para aquela população que tem vivendas nas regiões ribeirinhas.

Louvou o trabalho do Governo de Angola, na defesa de um desenvolvimento sustentável, e garantiu que as Nações Unidas apoiam todas as iniciativas que visem a defesa e preservação da biodiversidade.

O responsável considerou a província do Cuando Cubango como uma fronteira entre o conflito e conservação da natureza. “A resolução do conflito entre a natureza e o homem é um enorme trabalho que precisa do esforço de todos”. Esta resolução, deve ser encarada com muita seriedade e empenho durante as discussões que marcarão os simpósios que assinalam o Dia Mundial do Ambiente. “Vejo Angola como um país muito querido pelo seu povo, e também um povo que ama a sua natureza”, disse, acrescentando que o Programa das Nações Unidas para o Ambiente tem visto os esforços de Angola na luta pela preservação do seu ecos-

sistema e na luta pelo combate ao tráfico ilegal do marfim. Sublinhou que Angola está a boia de direcção e deve continuar com os seus investimentos na área do Ambiente.

“É visível o compromisso de Angola para com a vida selvagem e nós, Nações Unidas, estamos muito orgulhosos de hoje podermos celebrar este grande evento em Luanda, uma cidade que é muito acolhedora e que hoje está no centro do mundo”.

Okavango-Zambeze

A Iniciativa Transfronteiriça Okavango-Zambeze, que levou anos a ser negociada, teve o seu primeiro passo em 2006, quando as cinco nações assinaram um memorando de entendimento. A reserva não conhece fronteiras. Instalada na região dos rios Okavango e Zambeze, tem uma área de 278.132 quilómetros quadrados.

O projecto incorpora parques nacionais dos cinco países signatários, ainda separados pelas fronteiras dos tempos coloniais. Os 36 parques nacionais e áreas de protecção que lhe dão forma são marcados por uma enorme riqueza de vida selvagem. No Botswana vive a maior população de elefantes do continente, aproximadamente 120 mil animais. Nesse país também habitam girafas, zebras, leões, e búfalos. No Zimbabwe, as famosas cataratas de Victoria Falls, no rio Zambeze, também fazem parte do Okavango-Zambeze. O principal órgão financiador do projecto é o Banco Alemão de Desenvolvimento.

DA LEI DE BASES ÀS CONVENÇÕES INTERNACIONAIS

Legislação para o Ambiente

ADELINA INÁCIO |

Angola possui uma legislação moderna que regula as questões ambientais, o que confirma o comprometimento do país para com o Ambiente. O trabalho começou com a aprovação, pela Assembleia Nacional, em 1998, da Lei de Bases do Ambiente, que abriu caminho para uma legislação ambiental inovadora.

Entre os documentos, vale destacar a Política Nacional da Floresta e Fauna Selvagem, o Programa de Acção Nacional de Combate à Desertificação, a Lei de Terras, a Lei das Associações de Defesa do Ambiente, a Lei sobre a Criminalização das Infracções Subjacentes ao Branqueamento de Capitais e a Estratégia e Plano Nacional da Biodiversidade e a Resolução que aprova a Política Nacional de Florestas, Fauna Selvagem e Áreas de Conservação.

Ao aprovar a Política Nacional da Flora e da Fauna Selvagem, o país reconhece o grande potencial natural para a médio e longo prazos desenvolver a sua economia, reduzir a pobreza e garantir a segurança alimentar. Já o Programa de Acção Nacional de Combate à Desertificação vem estabelecer directrizes, instrumentos legais e institucionais para otimizar a formulação e execução de políticas públicas e privadas, com vista a lutar contra a de-

sertificação e à mitigação dos efeitos de seca, além de promover o desenvolvimento sustentável.

As autoridades pretendem, assim, criar mecanismos institucionais de coordenação, participação e acção entre os distintos sectores sociais, melhorar o conhecimento dos processos de desertificação e da ocorrência de fenómenos de seca, formular e implementar estratégias de controlo da desertificação ao nível local e formular directrizes para a concepção e revisão de políticas e medidas de apoio ao desenvolvimento sustentável das áreas susceptíveis ou afectadas. O trabalho tem como meta a criação de instrumentos de apoio ao desenvolvimento de actividades compatíveis com a preservação, conservação e manejo sustentável de recursos naturais.

Outro foco das autoridades esteve centrada nas convenções e no intercâmbio com países e organizações internacionais. Nos últimos anos foram aprovadas uma resolução que aprova a adesão de Angola à Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação, a Convenção sobre a Conservação das Espécies Migradoras da Fauna Selvagem ou Convenção de Bona e uma resolução que aprova o Memorando de Entendimento entre Angola e a Namíbia para o estabelecimento da área transfronteiriça

de conservação Iona, entre outras. O presidente da Comissão de Ambiente, Ciência e Tecnologia, Trabalho e Segurança Social da Assembleia Nacional, Fernando Heitor, garantiu que o Parlamento angolano presta muita atenção às questões ambientais.

Como exemplo apontou a urgência na aprovação do Pacote Legislativo na área dos Resíduos, uma série de diplomas na qual constam o Estatuto Orgânico da Agência Nacional de Resíduos, o Plano Estratégico de Gestão de Resíduos, o Regulamento sobre a Gestão de Resíduos Hospitalares e de Serviços de Saúde, os Planos de Acção Provinciais de Gestão de Resíduos Urbanos. Foram ainda aprovados os Planos de Acção Provinciais de Gestão de Resíduos Urbanos, Gestão dos Resíduos de Construção e Demolição, bem como os formulários legais para o registo de empresas que exercem actividade nas áreas de resíduos, tratamento de águas e águas residuais. “Temos propostas legislativas sobre o regulamento do processo de concessão dos serviços de limpeza urbana e recolha de resíduos urbanos, o regulamento sobre o processo de registo e licenciamento das empresas que exercem actividades nas áreas de resíduos, o tratamento de águas e águas residuais e sobre a gestão de embalagens nacional da Agência Nacional”, disse Fernando Heitor.

ELEFANTES

Regresso às origens

CARLOS PAULINO | Menongue

Nos últimos tempos, Angola tem registado o regresso e a migração de muitos elefantes oriundos de vários países da Região Austral, disse ontem em Menongue o director-geral do Instituto Nacional da Biodiversidade e Áreas de Conservação (INBAC). Em declarações ao Jornal de Angola, Abias Huongo, disse que este facto está a acontecer porque muitos países, sobretudo o Botswana, que tem uma das maiores populações de elefante no mundo, não terem neste momento condições para o habitat e alimentação dos animais.

Afirmou que Angola tem a particularidade de ter áreas muito extensas e comida em abundância para os elefantes e outros animais selvagens. “Temos todas as condições para cativar e acolher milhares de elefantes, mesmo aqueles que eventualmente sejam de outros países”.

Fez saber que neste momento uma organização internacional, “Elefante Sem Fronteira”, está a realizar o censo dos elefantes em África, sublinhando que em Angola este projecto está a ser feito numa primeira fase na província do Cuando Cubango, com destaque para os parques

nacionais de Mavinga e Luengue-Luana.

Abias Huongo disse que o projecto do censo abrange o mapeamento do habitat dos elefantes, a recolha do seu DNA para no final se saber, na realidade, quantos animais existem nos parques nacionais de Mavinga e Luana.

O director-geral do INBAC realçou que a organização “Elefante Sem Fronteira” trabalha no país desde o ano passado e que prevê concluir a sua actividade com a realização do censo dos animais que deverá ocorrer dentro de três anos. Abias Huongo explicou que em Angola existem dos tipos de espécies de elefantes, nomeadamente de savana e floresta. Acrescentando que a maioria das províncias do país têm elefantes, apesar que muitos foram obrigados a fugir por causa da guerra.

“Por a toda necessidade de se evitar esforços para o regresso massivo dos nossos animais e que passa necessariamente pela criação condições no seu habitat natural”, defendeu.

Huongo salientou que é necessário desalojar ou retirar a população que vive nas áreas próximas dos parques e de passagem dos animais, com vista a se evitar o conflito homem-animal.

CAPITAL ANGOLANA ACOLHE ACTO MUNDIAL DO DIA DO AMBIENTE

Luta contra o comércio ilegal da fauna e da

MANUELA GOMES |

Angola alberga as comemorações do Dia Mundial do Ambiente, data instituída pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1972, para assinalar acções de protecção e preservação do ambiente, alertar as populações e os governos sobre a necessidade de salvar o ambiente.

As celebrações desta data em Angola visam estimular o Executivo a dar continuidade aos seus projectos de protecção e conservação das áreas de conservação nacional, que, entre outros, defende a sobrevivência da população de elefantes e outros animais, e a redução da caça furtiva, através da implementação e execução de diferentes diplomas legais.

Este ano, o 5 de Junho é celebrado com o lema "A luta contra o comércio ilegal da fauna e da flora selvagens". Este é um tema de especial relevância em Angola, onde a caça furtiva ameaça os esforços para recuperar a população de elefantes, dizimada ao longo de vários anos, com foco para o período da guerra civil.

O Executivo tem procurado incansavelmente adoptar métodos, mecanismos e princípios a resolução da problemática do comércio ilegal da fauna e da flora selvagem.

O comércio ilegal da flora e da fauna selvagens, especialmente o comércio de marfim e de chifres de rinoceronte é um problema grave no nosso continente, e ao acolher este dia de celebração e sensibilização, pretende passar a mensagem clara de que tais práticas devem ser erradicadas.

Pouco se sabe do que ainda resta da população de elefantes em Angola, que historicamente viveu no sudeste do país, cruzando fronteiras com países vizinhos (Botswana, Namíbia e Zâmbia). O grande censo de elefantes, o primeiro levantamento feito por via aérea, está em andamento e existe um projecto para construir uma imagem mais clara da população na Área de Conservação Transfronteiriça Kavano Zambeze (KAZA).

No início de 2015, Angola comprometeu-se a rever o seu Código Penal para ter penas mais duras para os caçadores furtivos como parte do seu esforço para reverter os danos às suas populações de vida selvagem e está a começar o seu Programa de inventário de elefantes. As informações colectadas vão ser utilizadas no programa do Executivo de inventário de elefantes e para a conservação dos habitats selvagens na província do Cuando Cubango.

Para o Programa das Nações Unidas para o Ambiente, PNUA, têm sido notórios os significativos passos de Angola no combate ao comércio ilegal de animais selvagens, incluindo a primeira resolução das Nações Unidas sobre o tráfico destes animais. Apela-se para que o assunto seja tratado como um crime grave, tanto a nível nacional como além das fronteiras.

O Dia Mundial do Ambiente 2016 vai destacar esses esforços num país que se comprometeu a eliminar essa prática. O PNUA



Elefantes são alvo fáceis de caçadores furtivos por causa do marfim que continua a ter um grande mercado apesar da tomada de medidas cada vez mais rigorosas e dos vários apelo

aguarda com expectativa a parceria com a Angola para aumentar a consciencialização sobre o problema e acelerar a acção que vai proteger espécies, ecossistemas e meios de vida da extinção.

Marfim africano

Angola continua a envidar esforços no combate do comércio de marfim com o encerramento dos maiores mercados domésticos deste artefacto.

A Comissão contra Crimes Ambientais, recentemente, apresentou um Decreto que proíbe a venda de marfim e artefactos de marfim em Angola e está a implantar uma unidade de crimes contra a vida selvagem no aeroporto internacional de Luanda.

O Ministério do Ambiente tem feito um trabalho de sensibilização aos comerciantes sobre a intenção de interromper as vendas no mercado do Benfica. Com estes esforços, Angola uniu-se a 12 outras nações como signatária da Iniciativa de Protecção aos Elefantes (EPI, em inglês) focada na protecção de elefantes africanos por meio de medidas como o encerramento de mercados domésticos.

O abate e comércio ilegal de animais selvagens que destrói o ecossistema e meios de subsistência compromete o Estado de direito e a Segurança Nacional, e enfraquece o desenvolvimento sustentável.

Nos últimos anos, foram dados passos fortes para combater esse flagelo, incluindo a primeira resolução da ONU sobre tráfico de vida selvagem.

O marfim africano proveniente da caça furtiva pode representar um valor de mercado final na Ásia, entre 165 milhões de dólares e 188 milhões de dólares em bruto, além do marfim de origem asiático. A Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies Ameaçadas de Fauna e Flora Selvagens (CITES) aponta que 1.215 rinocerontes foram caçados ilegalmente na África do Sul, um número que representa um rinoceronte morto em cada oito horas.

O envolvimento de sindicatos organizados provocou um aumento da caça furtiva de menos de 20 em 2007 há mais de mil, em 2013 na África do Sul, e a caça furtiva de chifres de rinoceronte atingiu valores estimados ente 63 milhões de dólares a 192 milhões de dólares. O mundo experimenta o desenvolvimento sustentável sobretudo África. A valorização do capital natural em prol da vida e da melhoria das condições de vida do homem.

As práticas que até então nortearam as visões dos Estados para satisfação das necessidades das populações, mostravam-se naquela altura, 1972, quando da realização da Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, nocivas para preservação da vida no

planeta, daí que os participantes à Conferência apelaram a Comunidade Internacional que adoptasse uma nova postura mais responsável, sobretudo na exploração de recursos naturais.

Áreas de conservação

Angola tem 13 áreas de conservação da fauna e flora que cobrem uma extensão de 82.272 quilómetros quadrados. Estas áreas compreendem parques nacionais, reservas integrais, parciais e especiais, que correspondem a 6,6 por cento da extensão total do país.

As zonas fisioclimáticas de que dispõe Angola resultam numa grande diversidade de animais e vegetação, multiplicidade que coloca o país num dos mais ricos desta região austral do continente africano em termos de fauna e flora.

As 13 áreas de conservação de espécies da fauna e flora em Angola são o Parque do Iona (Namibe), o maior do país, com 15.150 quilómetros quadrados), Parque da Cameia (Moxico, segundo maior do país, com 14.450 quilómetros quadrados, Parque da Quissama (Bengo-Luanda), Parque de Cangandala (Malanje), Parque do Bicuar (Huila), Parque do Mupa (Cunene) e Parque Regional de Cimalavera (Benguela).

As reservas naturais integrais e parciais são as do Luando (Malanje), de Ilhéu dos Pássaros (Luan-

da), Luiana (Quando Kubango), de Búfalos (Benguela), Natural do Namibe e de Mavinga (Quando Cubango).

O Ministério do Ambiente tem prevista a criação do Parque do Mussuma, na comuna com o mesmo nome, município dos Bundas, numa zona transfronteiriça que vai servir de circulação dos animais dentro da área de conservação entre Angola e a Zâmbia.

O programa do Ministério do Ambiente prevê o alargamento das áreas de conservação, pois com novas áreas vai poder conservar-se as espécies, pois o país herdou 6,2 por cento do território de áreas de conservação, actualmente duplicados para 12,58 por cento de áreas de conservação.

Angola está envolvida em quatro iniciativas transfronteiriças de preservação de biodiversidade com países vizinhos como o caso da Namíbia, nos Parques Nacionais do Iona e Squeleton Coast Park, com a Zâmbia em Mussumua, e o Mayombe com o Congo.

Liderança Angola

Angola presidiu em 2010 à Iniciativa de Preservação da Floresta do Mayombe. Seguiu-se a presidência de uma importante zona transfronteiriça do mundo Okavango-Zambeze (projecto KAZA) com a Namíbia, Zâmbia, Botswana e Zimbabwe.

da flora selvagem nas atenções do mundo



apelos a uma maior cooperação internacional

Além do alargamento das suas zonas de conservação, também se trabalha na preservação às reservas integrais já existentes, como as parciais e regionais. Estão a criar-se novos monumentos naturais.

Um plano estratégico da orla marítima está também previsto, o objectivo é preparar estudos que permitam criar zonas novas biosfera, de forma a participar na visão de um planeta saudável, dando maior valor ao capital natural, sobretudo aos ecossistemas e habitats ricos e sensíveis formalmente protegidos. A Estratégia Nacional da Biodiversidade e o Plano Estratégico das Áreas de Conservação têm como objectivo relacionarem as nossas espécies exóticas e incluir a melhoria da qualidade de vida das comunidades.

Angola criou, por Decreto Presidencial, um programa para protecção da palanca negra gigante e uma comissão multisectorial que já funciona no combate aos crimes ambientais e, neste caso, para o combate a caça ilegal. Ainda no combate ao comércio ilegal, Angola está a trabalhar na criação de postos de controlo para melhoria e reforço da legislação, com desenvolvimento de programas de educação massiva.

Para a titular da pasta do Ambiente, Maria de Fátima Jardim, a vida selvagem das espécies da flora e fauna têm sido traficadas em proporções dimensão que ultrapassam, de longe, meras intenções.

O comércio da fauna e flora selvagem tornou-se uma questão de soberania de Estados e de segurança internacional, pois as avultadas verbas que movimentam têm servido para alimentar rebeliões armadas e grupos desestabilizam Estado soberanos.

A isso soma-se a matança de quantidades de animais como o gorila e o chimpanzé, que anualmente atinge a cifra de mais de três mil animais abatidos, espécies que na sua maioria em alguns países africanos já estão na fase de extinção.

Existem muitos exemplos que ilustram a situação do continente africano, que infelizmente acaba sempre por se repetir no nosso país, porque temos acções de protecção da vida animal e da flora e protecção ambiental mas há uma necessidade de todos participarem de forma mais global e controlar acções locais que não permitam fazer com que a vida selvagem animal possa acontecer com a pessoa humana.

Palanca Negra

Espécie emblemática, a Palanca Negra Gigante (*Hippotragus niger variani*), é um tipo raro de antílope, endémico de Angola, e só pode ser encontrado na província de Malanje.

Durante muito tempo, pensou-se que estivesse extinta, devido à guerra, mas em Março de 2005 um grupo do Centro de Estudos e Investigação Científica (CEIC) da Universidade Católica de Angola (UCAN) apresentou provas fotográficas de um dos rebanhos no Parque Nacional de Cangandala, situado a sul de Malanje. A palanca negra gigante é um dos símbolos nacionais de Angola e os angolanos têm grande respeito por este animal, onde segundo a mitologia africana simbolizam a vivacidade e a velocidade e a beleza. A palanca negra gigante também é considerada o símbolo da Selecção Nacional.

É uma subespécie considerada como em perigo crítico de extinção pela Lista Vermelha da IUCN.

As Nações Unidas escolheu Angola para albergar este tema para que o país pudesse juntar-se aos esforços de ambientalistas mundiais com o fim de combater as práticas criminosas que ameaçam o equilíbrio ecológico do planeta e delapidam importantes recursos da vida dos nossos países africanos.

Angola associou-se à Comunidade Internacional no combate ao abate indiscriminado das espécies de fauna e flora selvagens e que a partir daí toda sua atenção esteve virada para a organização e juntar reptos para estes desafios.

Programa

Para as festividades do Dia Mundial do Ambiente estão programadas várias actividades. Um dos motivos que levaram à escolha de Angola foi o rol de acções tomadas pelo Governo para conservar e reconstruir a população de elefantes.

O Dia Mundial do Ambiente é o dia mais importante de acções positivas sobre o ambiente em todo o mundo e é comemorado no dia 5 de Junho.



Ministra Fátima Jardim destaca o tema escolhido para o Dia Mundial do Ambiente

“Angola tem o prazer de sedear Dia Mundial do Ambiente, que fala de um problema próximo aos nossos corações”, disse a ministra do Ambiente, para acrescentar: “O comércio ilegal de animais silvestres, especialmente o comércio de marfim e chifres do rinoceronte, é um grande problema no nosso continente. Ao sedear este dia de celebração e sensibilização, pretendemos enviar uma mensagem clara de que tais práticas são, em breve, erradicadas.”

Arca de Noé

A Operação Arca de Noé, realizada há 16 anos, em que animais foram transportados de avião com destino ao Parque Nacional da Quiçama, é um orgulho para o país.

Elefantes, gungas, olongos, gnus, zebras, girafas e avestruzes desde então reproduzem-se em grande escala no seu habitat natural. O padrinho desta operação foi o Presidente José Eduardo dos Santos.

A Operação Arca de Noé foi montada em plena guerra (2000) quando no Sul e Sudeste de Angola as máfias organizadas dizimavam elefantes e traficavam o marfim. Levou ao Parque da Quiçama 80 animais que cresceram e se reproduziram. Hoje são mais de 500 animais protegidos e que habitam na chamada Zona Especial de Conservação do Caua, num espaço de 21 hectares.

A Arca de Noé foi a maior operação do mundo de transporte de animais por via aérea. Em 2000, chegaram 18 elefantes e três crias. Vieram oito gungas, que hoje são mais de 140, dez olongos, com uma reprodução de mais de 60.

Na segunda fase, em 2001, chegaram mais 16 elefantes e três crias. E 12 gnus, hoje existem 80, 14 zebras, agora com mais de 80, quatro girafas, hoje são mais de 36 e 12 avestruzes, que devido ao habitat impróprio, não se reproduzem e acabaram por morrer dois.

Hoje, os elefantes são mais de 160, o que é positivo em 16 anos. Estão agrupados em cinco a seis famílias. A maioria é jovem e em cada dez elefantes, sete são fêmeas. Depois do Olongo, está o elefante considerado o segundo maior animal da Zona Especial de Conservação do Parque Nacional da Quiçama. A zona é para animais de grande porte, embora sejam vistos outros como os golungos, seixas, manatins e nunces.

Difícilmente são avistados. É preciso percorrer quilómetros e quilómetros de mata para cruzar com um deles. Preferem o mato. A mata fechada. Estão sempre a comer e só saem como disse o fiscal do parque.

São vistos também onde existem pequenos lagos e à beira do rio Cuanza. As enormes pegadas no chão, os arbustos e árvores quebradas e o cheiro das fezes no ar são sinais de que um elefante passou ou está por perto.

Os elefantes gostam da múcua e de maboque. A multiplicação de embondeiros na zona, é devido aos elefantes. São inofensivos e só reagem quando se sentem ameaçados. Existem os elefantes solitários. Aqueles que devido à idade, sentem a vida a esfumar-se e apartam-se do grupo dos mais jovens. Alguns abandonam a comunidade por ciúmes dos elefantes mais jovens que querem as fêmeas só para eles.

Animais de várias espécies introduzidas há dez anos no Parque Nacional da Quiçama, para a repovoação desta área de conservação nacional ultrapassam já a cifra 100, uma reprodução que satisfaz as autoridades do Ministério do Ambiente.

Houve um aumento de espécies como de elefantes, girafas, zebras, boi cavalo e outros, oferecidos pelo Governo da África do Sul, em 2001, para a reposição dos animais desaparecidos durante o conflito armado.

Dia de reflexão

A conferência que aprovou o Dia Mundial do Ambiente trouxe o debate ambiental para a arena internacional. A conferência produziu a Declaração sobre o Ambiente Humano, cujos princípios constituíram a primeira legislação internacional não obrigatória sobre assuntos ambientais. Foi também durante esta conferência que foi estabelecido o programa das Nações Unidas para o Ambiente (PNUA). Estes factores impulsionaram a adopção de legislação ambiental a nível nacional e o desenvolvimento e a adopção de uma série de tratados internacionais sobre o ambiente.

Nesta data deve reflectir-se sobre as formas de actuação a nível local para que a nível global se possam desenvolver abordagens mais sustentáveis de desenvolvimento. Estas abordagens devem permitir melhorar a qualidade do ambiente e consequentemente a qualidade de vida das gerações presentes e futuras.

Em Angola nesta data se organizam actividades de educação e sensibilização ambiental para promover a partilha de informação sobre os benefícios da adopção de práticas de vida sustentáveis.

Indica que 16 zebras recebidas para este projecto-piloto, já existem 100, dos 31 elefantes o número passou para 65, os gnus passaram dos dez para mais de 100, 150 gungas contra as oito antes registadas.

Registam, de igual modo, números animadores de outras espécies animais como é o caso das girafas que das quadro introduzidas reproduziram-se para 15 confirmadas e outras variedades de antílopes.

“Há uma boa reprodução no que toca as espécies animais introduzidas que posteriormente poderão juntar-se outros que se reproduzem naturalmente fora da área protegida ou melhor, da Arca de Noé. Apesar dos resultados animadores, o administrador lamentou o facto de não se estar a registar a reprodução das quatro avestruzes introduzidas no parque, uma situação que pode estar relacionada com o clima da região.

Enquanto isto, para os outros animais, estimou registar-se uma taxa de reprodução entre 20 e 40 por cento, adiantando ser uma situação também ligada ao clima.

Colocados numa área de dez por cento do total da área devidamente protegida e fiscalizada pelos fiscais do Parque Nacional da Quiçama, os animais devem juntar-se, posteriormente, a outros espalhados neste espaço, com uma extensão de nove mil 960 quilómetros quadrados.

O Parque da Quiçama dispõe de 25 fiscais, de um total de 41 funcionários, número que pode ser alterado com o ingresso e formação de novos especialistas, com vista ao reforço e maior controlo a caçadores furtivos.

CONTRABANDO DE MARFIM E CHIFRES DE RINOCERONTE NA JAMBA

Os crimes do apartheid e de Jonas

O líder da UNITA ofereceu a P. W. Botha uma arma AK-47 e uma caixa de

JOSÉ RIBEIRO |

Os crimes contra o ambiente praticados pelo apartheid em Angola ganharam uma nova dimensão em 1975, com a "Operação Savannah". A invasão das SADF pelo sul do território angolano visava colocar no poder em Luanda Jonas Savimbi. A UNITA acreditava na boa fé da ajuda do apartheid, mas a operação tinha um lado oculto: impedir que uma Angola independente, estivesse quem estivesse no poder, rivalizasse com a África do Sul dominada pela minoria branca.

Entre 1975 e 1976, até à sua expulsão de Angola pelas FAPLA, com o apoio de combatentes de Cuba, da Guiné Conacry, de Moçambique e de outros países, os invasores chegaram às portas de Luanda. Ao longo do percurso, foram destruindo tudo o que tinha um valor económico para o novo Estado angolano. Foram roubados estudos avançados elaborados por bons técnicos. O gado de raça desenvolvido na Huíla, no Cunene e na Ceta foi levado para o Sudoeste Africano ou abatido. Os equipamentos das fábricas foram sabotados, para nunca mais funcionarem. Ao mesmo tempo, foi lançada uma acção de intimidação sobre a população portuguesa, incitada a abandonar Angola. Quem não o fizesse, era inimigo. Algumas famílias portuguesas queriam permanecer, porque "nunca tiveram problemas" com os angolanos, e foram perseguidas e alguns dos seus membros mortos.

Ao longo de décadas, antes que a paz fosse alcançada a 4 de Abril de 2002, a acção do apartheid em Angola foi mais do que um crime contra a fauna e a flora. Foi um crime contra a vida humana. No Norte de Angola, com a invasão do Zaire do ditador Mobutu, o cenário não foi diferente. Com mercenários ocidentais em acção, só restava a terra queimada.

Factos aterradores

Toda a amplitude destes crimes contra o ambiente apenas começou a ser deslindada 20 anos de-

pois da "Operação Savannah". Em 1995, De Wet Potgieter, um cidadão sul-africano e jornalista do jornal "Sunday Times" – o jornal de maior circulação na África do Sul, publicou o livro intitulado "South Africa and the International Trade in Ivory and Rhino Horn", onde expôs as suas investigações iniciadas em 1988 sobre o comércio ilegal de marfim e de chifres de rinoceronte, bem como as experiências vividas pelo coronel Breytenbach, o militar das forças pára-quedistas que dirigiu o massacre de Cassinga em 1978 e passou a maior parte da sua carreira a combater em Angola e no Norte da Namíbia.

O livro de De Wet Potgieter, que faz uma abordagem abrangente e arrepiante, tem como destaque três aspectos, abordados, nomeadamente, na "Introdução" do livro, no "Capítulo III – Mestres da Fraude" e no "Capítulo IV – Coronel Jan Breytenbach". A obra desmonta toda a rede de contrabando de marfim e de chifres de rinoceronte que parte de Angola com a ajuda de Savimbi.

No livro, De Wet Potgieter afirma que por volta de 1988 as principais agências internacionais defensoras do ambiente, a *Earth Life*, a *Endangered Wildlife Trust* e a *Rhino and Elephant Foundation*, prevendo o fim do apartheid, tinham começado a estabelecer-se na África do Sul e a apertar o cerco às pessoas ligadas ao contrabando.

Por causa deste contratempo, durante as suas investigações De Wet Potgieter deparou-se com situações muito complicadas, pois a recolha de dados encaminhou a pesquisa para homens influentes colocados em altos cargos políticos e militares na África do Sul que, simultaneamente, eram os principais responsáveis pelos crimes abomináveis contra a natureza e contra a humanidade cometidos em Angola e na Namíbia.

De Wet Potgieter vai mais longe e diz que este contrabando era feito com o beneplácito dos Serviços de Inteligência Militar Sul-Africanos, como escreve na sua obra: "a inteligência militar vinha usando as rotas de contra-



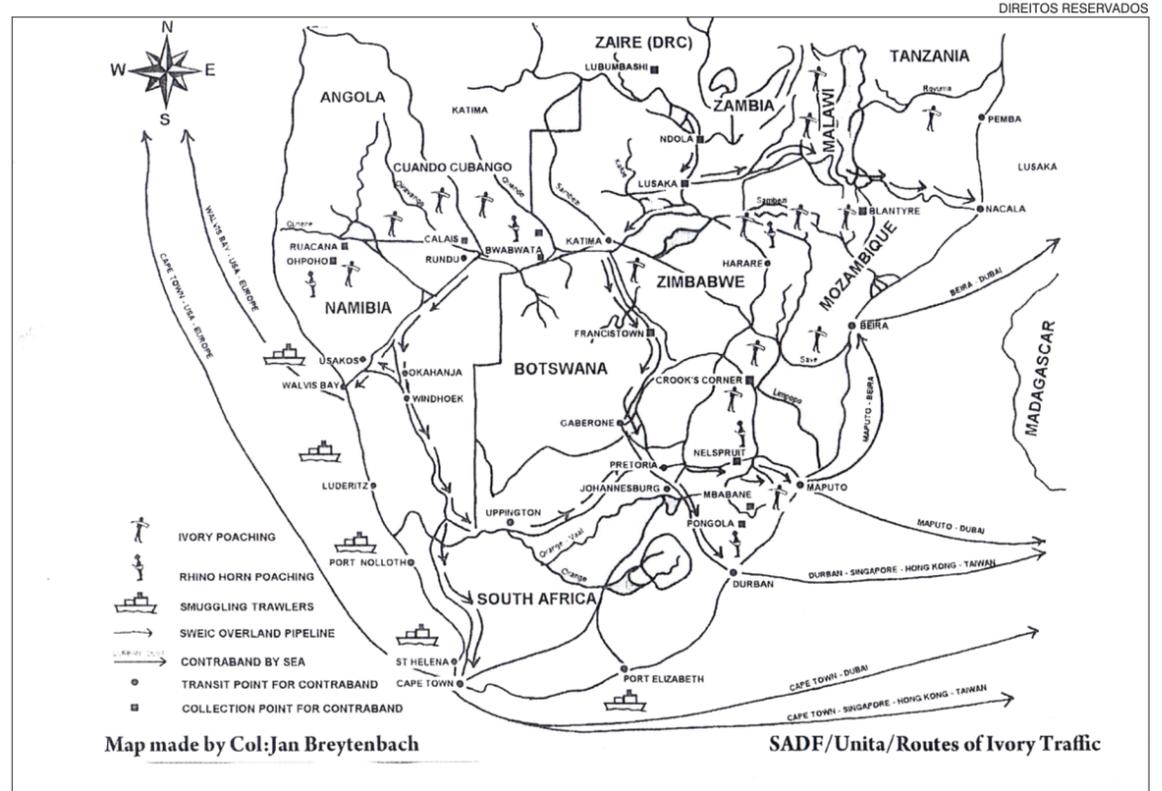
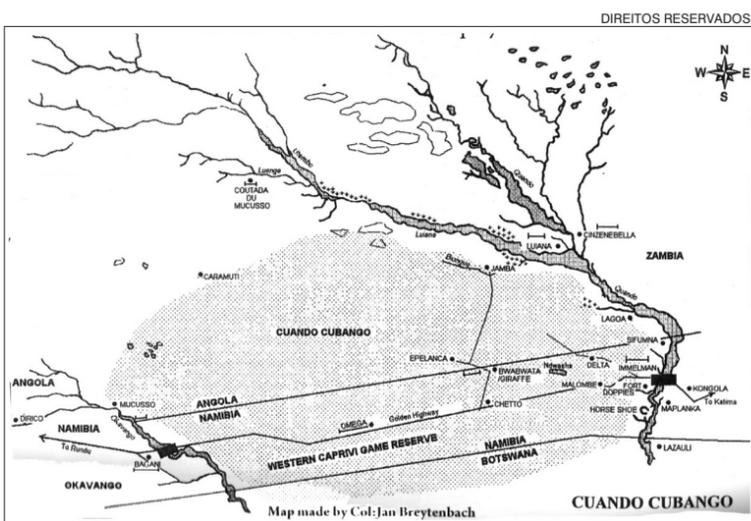
Crime: o major general Neils van Tonder das Forças da África do Sul abateu um elefante em Babuwata, no Sul de Angola, em 1984

bando para fins de recolha de informações desde os primeiros dias da longa e prolongada guerra na mata. Este 'serviço' da África do Sul tinha dado carta bran-

ca aos sindicatos (do crime) para estabelecerem redes de contrabando, usando a África do Sul como ligação".

Financiamento da guerra

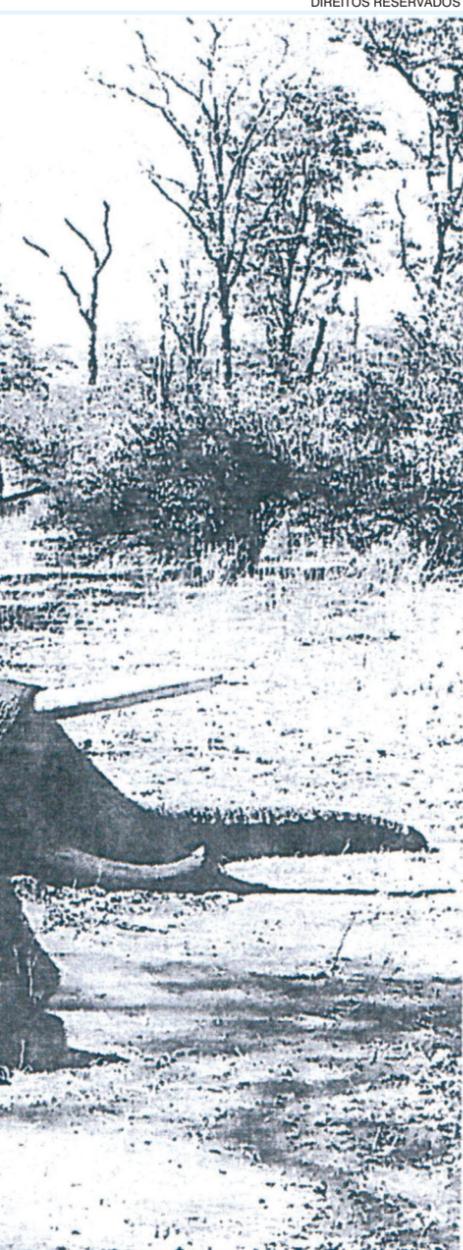
Em Agosto de 1988, as declarações do ambientalista norte-americano Craig van Note de que "a



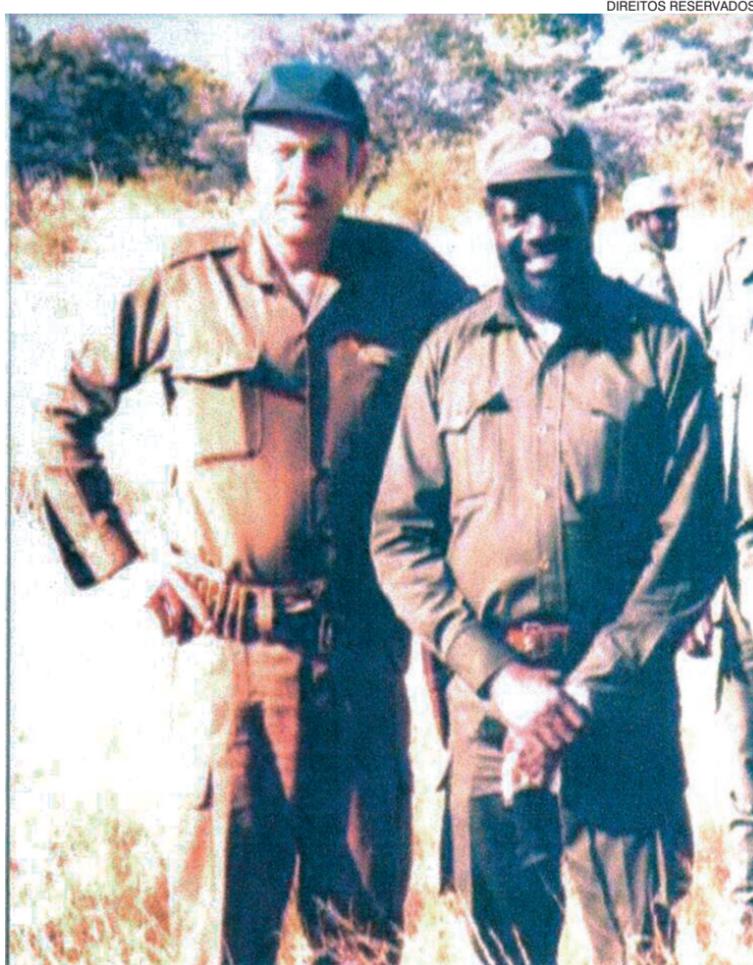
Dois mapas elaborados pelo coronel Jan Breytenbach e apresentados à Comissão de Inquérito Kumleben que mostram os pontos de recolha do marfim e as rotas do contrabando

Savimbi contra o ambiente

com símbolos da organização cravados de marfim



DIREITOS RESERVADOS



DIREITOS RESERVADOS

"Pik" Botha com Savimbi durante uma caçada na Jamba. As balas que o sul-africano tem no cinto são usadas para caçar elefantes. O fundador da UNITA ofereceu um par de dentes de elefante ao diplomata da RSA.

África do Sul foi um 'player' importante e apoiou activamente o abate cruel de mais de 100.000 elefantes para ajudar a financiar as guerras civis em Angola e Moçambique", são um duro golpe para P. W. Botha, o Presidente da África do Sul racista que na altura procurava recompor a sua imagem a nível internacional, muito manchada pelas barbaridades cometidas pelo regime de apartheid.

As revelações de Craig van Note surgiram, precisamente, na altura em que o Governo racista sul-africano "estava envolvido em sensíveis iniciativas diplomáticas" tripartidas para garantir a retirada das tropas cubanas de África e aliviar a pressão causada pelas derrotas que estava a sofrer nas guerras na Namíbia e em Angola, nomeadamente, no Cuito Cuanavale.

Tais revelações "provocaram muita agitação nos círculos governamentais sul-africanos", a ponto de o general Jannie Geldenhuys, então chefe das SADF (South African Defence Force), ter ordenado a criação de uma Comissão de Inquérito para averiguar as alegações. O inquérito não deu em nada, tendo simplesmente, segundo um comunicado



DIREITOS RESERVADOS

A UNITA pagava ao traficante Joaquim Augusto na Namíbia com marfim

emitido a 7 de Dezembro de 1988 pelo Director do Gabinete de relações públicas das SADF, absolvendo os militares implicados em relação às acusações de Van Note.

Ainda assim, o relatório da Comissão de Inquérito Kumlebeem, como se chamou, admitiu que "pequenas quantidades de marfim capturadas pela UNITA a ca-

çadores furtivos" foram "transportadas pela Força de Defesa Sul-Africana em nome da UNITA durante um período de 18 meses a partir dos meados de 1978 até finais de 1979 e que esta prática tinha sido interrompida no final de 1979".

O relatório foi severamente criticado por "um dos mais informados militares, o ex-oficial das SADF, coronel Jan Breytenbach, que afirmou que a sindicância tinha sido nada mais do que uma farsa". O coronel Breytenbach declarou, na altura, que se as autoridades sul-africanas quisessem, realmente, investigar e expor a actividade do contrabando de marfim e de chifres de rinoceronte em que estavam metidas as SADF, poderiam obter todas as informações de que precisavam de pessoas no terreno. "Ao nível da base, os homens estão preparados para falar sobre isso, mas quanto mais a informação chega ao topo, mais rápido ela é abafada", afirmou Breytenbach, citado no livro "South Africa and the International Trade in Ivory and Rhino Horn".

Cumplicidade da UNITA

A obra de De Wet Potgieter faz igualmente referência ao "envolvimento da UNITA", que durante todo o período de permanência dos sul-africanos em solo angolano "agiu em cumplicidade com o regime do apartheid neste clamoroso ataque à flora e à fauna angolana e namibiana".

Na localidade de Rundu, na faixa de Caprivi, tida como a "Mecca" do contrabando contra o ambiente, a UNITA tinha como chefe da logística o coronel Samakuva, que, segundo a obra de De Wet Potgieter, "deu autorizações ao major Rosa de Oliveira, das Forças de Defesa Sul-Africanas, para abater elefantes na região Sul de Savate".

Em Novembro de 1989, o porta-voz das SADF confirmou oficialmente que a "Frama", uma empresa de Transportes Inter-Comercial criada para movimentar a madeira do sul de Angola para uma serração no Caprivi, "foi usada para abastecer o movimento da UNITA de Jonas Savimbi".

O nome da UNITA voltou a aparecer associado ao tráfico ilícito de marfim quando uma avioneta pertencente a Joaquim da Silva Augusto, homem de negócios namibiano e com laços estreitos ao líder da UNITA, caiu ao decolar da Jamba, ferindo gravemente o filho de Mário Soares, então Presidente de Portugal, João Soares, porque, segundo o jornal "Sunday Times", o aparelho estava "sobrecarregado de marfim".

Nessa altura, na sede da UNITA, na Jamba, fez-se um véu de secretismo sobre este incidente, diz o livro. Os jornalistas sul-afri-

canos que visitaram o reduto da guerrilha na mesma semana foram impedidos de visitar o local do acidente e os oficiais da UNITA recusavam-se a dizer fosse o que fosse.

Na página 51 do seu livro, De Wet Potgieter fala especificamente das ofertas feitas por Jonas Savimbi às SADF. Entre elas destaca-se a oferta ao chefe do regime de apartheid, P. W. Botha, de uma AK-47 cravada de marfim e de uma caixa com os símbolos da UNITA, também em marfim. "Pik" Botha, ministro dos Negócios Estrangeiros do apartheid, também recebeu, de Jonas Savimbi, um par de dentes de marfim com mais de 60 quilos.

"Não haja dúvidas de que a África do Sul esteve atolada até ao pescoço no que toca ao comércio ilegal de marfim e de chifres de rinocerontes realizado em Angola e na Namíbia durante os anos da guerra da selva. Porém, todo o seu esforço teria sido debalde se não tivessem contado com o auxílio dos seus companheiros de armas angolanos, ou, simplesmente, Jonas Savimbi e a UNITA", diz um ambientalista de uma organização não governamental angolana, comentando estas denúncias.

À maneira de Goebells

À boa maneira de Goebells, a UNITA desencadeou uma campanha que culminou, nos últimos dias, com um rol de comunicados e conferências de imprensa com acusações que nem o *Jornal de Angola* pouparam. A campanha foi intensificada com a chegada dos jornalistas estrangeiros que vieram a Angola cobrir as comemorações do Dia Mundial do Ambiente. O partido da oposição procurou, a todo o custo, provocar um incidente que passasse uma mensagem negativa de Angola. E conseguiu, originando a morte de cidadãos em Benguela. Foi depois acompanhado por organizações que pareciam ter, repente, acordado. Com este trabalho se percebe que a UNITA e as personalidades que se coligam à direcção de Samakuva pretenderam durante este período desviar as atenções dos crimes ambientais praticados pela liderança de Savimbi, em aliança com o apartheid, nos quais Isaias Samakuva surge comprometido. Pena é que para isso tivessem de morrer pessoas. Os factos apresentados neste trabalho têm origem em amigos da UNITA de Jonas Savimbi. Não se pode dizer que é invenção ou parcialidade. São crimes demasiado graves para serem esquecidos.



USO DE SACOS NAS COMPRAS

Taxa para o plástico

KUMUÊNHO DA ROSA |

Um pequeno inquérito a clientes de um supermercado na baixa de Luanda, vindos de vários pontos da capital, incluindo a região metropolitana, mostra um total desconhecimento sobre o projecto de decreto legislativo para a taxa do uso de sacos de plástico.

Em 25 inquiridos apenas dois ouviram falar remotamente do assunto. O técnico de construção civil Pedro Sérgio considerou boa a iniciativa, porque leva as pessoas a sentirem-se responsáveis pelo ambiente e a preservarem o Planeta, que é de todos. “Acho bom, porque vai obrigar as pessoas a serem mais cuidadosas. Além disso, estar só a cobrar sem um programa de reciclagem, de nada serve, porque os sacos acabam por poluir na mesma”, disse Pedro Sérgio, antes de rematar que “o importante é encontrar maneira de reciclar os plásticos e outros objectos”.

Maria Augusta, que trabalha como operadora de caixa, entende que no momento, apesar de ser boa a intenção, falar de mais taxas “é complicado”. Ela sai do supermercado com dois sacos de plástico cheios de compras e percebe-se que leva alguns sacos “de reserva”. “Acho que nem todo o cidadão está em condições de pagar este valor por cada saco, principalmente neste momento de crise que o país atravessa. O melhor seria reciclar o lixo e torná-lo útil e, depois disso, podem aprovar a taxa, mas não no valor de cinco kwanzas. Devia ser bem menos”, sugeriu.

Augusta tem consciência de que o plástico é difícil de se degradar, pelo que representa um problema para o ambiente. “Sempre que posso, levo alguns a mais porque preciso deles para outros fins, mas procuro deixá-los sempre nos contentores de lixo, depois de usá-los. Ninguém deve atirar os sacos para o chão. Isso é muito mau”, defende.

O empresário que apenas se apresentou como Nataniel considerou “boa ideia” a proposta de se taxar o uso de sacos de plástico nos supermercados e estabelecimentos comerciais. Para ele, não está nada mal. “O plástico leva mais de 100 anos a decompor-se e cabe ao Estado arranjar soluções para esse problema, pelo que a taxa é uma medida que deve ser encorajada, além de outras que ajudem a salvar o nosso ambiente”.

Nataniel sugeriu mesmo que se crie algum mecanismo que imponha um controlo sobre a qualidade dos sacos de plástico. “Devíamos imitar outros países e colocar sacos mais resistentes, para que os clientes possam usar quantas vezes for necessário, em vez de se deitar fora e lotar o aterro sanitário”, adiantou Nataniel.

Este empresário condena o uso irresponsável dos sacos plásticos. “Parece que não, mas isso está a matar o nosso Planeta, porque acaba por poluir os oceanos, os solos e também o ar”, aponta, antes de apoiar a iniciativa legislativa que, no seu entender, vai aumentar a responsabilidade dos cidadãos sobre um problema que toca a todos os habitantes da Terra.

O projecto de Decreto Legislativo Presidencial que aprova o Regime Jurídico de Fornecimento de Sacos Plásticos Leves pelos Agentes Económicos deve cumprir uma segunda ronda de consulta pública antes de ser submetido aos órgãos de consulta técnica do Presidente da República.

Consulta pública

Em Maio último, durante um fórum sobre desenvolvimento sustentável em Luanda, o presidente do Conselho de Administração da Agência Nacional de Resíduos disse que a proposta de cinco kwanzas para a taxa cabe bem no bolso do cidadão comum e responde à necessidade de se convidar à reflexão da sociedade para o problema ambiental.

“Trata-se de um valor de pouca monta, acessível à bolsa dos trabalhadores, mas ao mesmo tempo suficiente para responsabilizar os utilizadores e estimular a redução do consumo deste tipo de sacos e da sua substituição por soluções ambientalmente mais sustentáveis”, disse Sabino Ferraz, em declarações à Angop.

Presente no fórum, o Director Nacional do Ambiente, Nascimento Soares, defendeu a utilização de sacos recicláveis, em papéis ou substâncias biodegradáveis, como forma de evitar a proliferação de sacos plásticos. A cobrança de uma taxa por cada saco de plástico usado tem ainda como objectivo a arrecadação de receitas para o Estado, devendo parte dessas receitas ser destinada a campanhas, programas e projectos de educação ambiental.

À reportagem do *Jornal de Angola*, o presidente de direcção da Juventude Ecológica de Angola (JEA), José Silva, disse que a taxa do uso dos sacos de plástico nas grandes superfícies comerciais é uma preocupação das associações ambientalistas angolanas.

“Temos estado a defender que, realmente, fossem tomadas medidas em relação ao uso de sacos plásticos, por causa da produção excessiva de resíduos e também porque os sacos plástico causam o entupimento das redes de esgoto são dos maiores poluidores dos mares e dos rios”, referiu José Silva.

O líder da JEA falou do caso de algumas espécies marinhas, e não só, que vivem sob ameaça por causa dos sacos de plásticos. “Temos conhecimento de situações em que espécies, como as tartarugas, muitas vezes confundem sacos de plástico com alguns alimentos, engolem-nos a pensar que são algas. Acabam por sufocar e até morrer”, assinalou.

Segundo José Silva, a preocupação com o uso de sacos de plástico em Angola é também de governantes e dos deputados. O ambientalista lembrou um encontro, em 2013, entre as associações ambientais do país e deputados à Assembleia Nacional, ligados à comissão que trata das questões do Ambiente, em que se falou do uso de sacos de plástico e foram feitas promessas no sentido de se promover a redução paulatina do uso deste artigo. “De um modo geral, o que procuramos é mesmo desencorajar o uso dos sacos de plástico, com medidas como a taxa, sem chegar, para já, a extremos, como no Ruanda e na Guiné-Bissau, onde foi banido o seu uso”, referiu.

Sejamos responsáveis

O líder da JEA fez um apelo à sociedade angolana, de um modo geral, para que tenha uma atitude mais responsável em relação ao uso dos sacos de plástico, pelo que este representa para o equilíbrio ambiental.

“A falta de consciência dos efeitos dos sacos de plásticos no ambiente leva a que muita gente, sempre que vai às compras, leve consigo grandes quantidades de sacos, sem um mínimo de consciência de que essa atitude deve ser sempre com o propósito de dar uma finalidade que beneficie o ambiente, e nunca de prejudicar”.

PROGRAMA ECOANGOLA

1º SALÃO INTERNACIONAL DA BIODIVERSIDADE E ECOTURISMO

CONFERÊNCIAS
HOJE, 5 de Junho

ABERTURA

Boas vindas – Governador da província de Luanda (Higino Carneiro)
Intervenções – PCA da Feira Internacional de Luanda (FIL) (Matos Cardoso)
Director do Programa das Nações Unidas Para o Ambiente (Achim Steiner)

15h00 - Instrumentos para Protecção, Preservação e Conservação da Biodiversidade

Painel I: Protecção, Preservação e Conservação da Biodiversidade

Moderador: Ministra do Ambiente da República de Angola (Fátima Jardim)

Tema 1 - Convenção Internacional sobre o Comércio de Espécies da Flora e Fauna em Vias de Extinção (CITES)

Prelector: Dr. John Scalon – Secretário-geral da CITES

Tema 2 - 5º Relatório e a Estratégia e Plano de Acção Nacional para Biodiversidade (NBSAP)

Prelector: Eng. Nascimento António – Chefe de Departamento de Gestão da Biodiversidade da Direcção Nacional da Biodiversidade/Ministério do Ambiente

Tema 3 - Implementação da Convenção Internacional sobre o Comércio de Espécies da Flora e Fauna em Vias de Extinção (CITES), na República de Angola

Prelector: Dr.ª Albertina Matias - Chefe de Departamento de Áreas de Conservação Transfronteiriça e Ponto Focal da CITES da Direcção Nacional da Biodiversidade/Ministério do Ambiente

Tema 4 - Medidas necessárias para assegurar a cooperação dos sectores chaves e do público em geral, na conservação da biodiversidade, focando o combate dos crimes da vida selvagem, em Angola, no contexto regional e na perspectiva global

Prelector: Dr.ª Tamar Ron – Consultora Internacional

Tema 5 - Termos de referências para a elaboração do Plano de Gestão, Captação de Imagens e Conflito Homem Animal

Prelector: Dr. Filipe Kodo – Técnico da Direcção Nacional da Biodiversidade/Ministério do Ambiente

INTERVALO

18h00 - Boas Práticas

Painel II: Boas Práticas no Processo Produtivo

Moderador: Ministro da Energia e Águas (João Baptista Borges)

Tema 1 - Estratégia Nacional sobre Energia Renováveis

Prelector: Eng. Joaquim Ventura – Secretário de Estado da Energia/Ministério da Energia e Águas

Tema 2 - Projecto “Awango by Total” – Acesso a Soluções de Energia Solar Fotovoltaica às Comunidades, com Dificil Acesso à Energia Eléctrica

Prelector: Empresa TOTAL E&P ANGOLA

Tema 3 - Tratamento de Resíduos Sólidos para Geração de Energia Eléctrica

Empresa - Energy Saving Engineering Angola, Lda

Tema 4 - Boas Práticas no Processo Produtivo

Projecto Lauca - empresa ODEBRECHT

Projecto LNG - empresa ANGOLA- LNG

Empresa BIOCOM

Painel III : Boas práticas no processo produtivo

Moderador: Secretário de Estado do Ambiente, Para Novas Tecnologias e Qualidade Ambiental (Syanga Abílio)

Tema 1 - Plano Estratégico sobre Gestão de Resíduos Urbano

Prelector: Eng.ª Dulce Pássaro - Consultora internacional

Tema 2 - Proposta de Solução Integrada de Gestão de Resíduos em Malange

Prelector: PhD Mário Russo – Consultor internacional

TEMA 3 - Fertilizantes que já foram resíduos, nada se perde, tudo se transforma

Prelector: EMPRESA RESURB – Grupo Monte

Tema 4 - Produtos amigos do ambiente para o combate a malária e limpeza de latrinas e fossas sépticas

Empresa Mahinda serviços

Tema 5 - Reciclar para protecção do ambiente rural

Empresa TONANGOL, Lda.

Tema 6 - Novas Tecnologias na Prevenção e Combate de Incêndio - Caso Firestryker

Prelector: Dr. Quintino da Fonseca - Director Geral da Empresa Fonseca Mestres e Consultores, Lda

20h00 ENCERRAMENTO

Amanhã, 6 de Junho

9h00 Recepção de Convidados

Biodiversidade de Angola

Painel I: Espécies emblemáticas e o combate ao tráfico ilegal

Moderador: Secretária de Estado do Ambiente para Biodiversidade e Áreas de Conservação (Paula Francisco)

Tema: 1.-Plano de Acção Nacional para a Conservação do elefante em Angola

Prelector: Dr. Abias Huongo – Director Geral do Instituto Nacional da Biodiversidade e Áreas de Conservação/Ministério do Ambiente

Tema 2. - Projecto de conservação das tartarugas marinhas

Prelector: Dr. Miguel Morais – Coordenador do Projecto Kitabanga

Tema 3.-Projecto de conservação da Palanca Negra: Benefícios e Desafios

Prelector: Eng. Pedro Vaz Pinto – Coordenador do Projecto da Preservação da Palanca Negra – Fundação Kissama

Tema 4.- Conservação do Manatim em Angola

Prelector: Mestre. Miguel Xavier – Técnico do Departamento de Gestão da Biodiversidade, do Instituto Nacional da Biodiversidade e Áreas de Conservação/Ministério do Ambiente

Tema 5. - Espécie da flora com valor económico para a biodiversidade

Prelector: Prof. Dr.ª Esperança Costa – Directora do Centro de Botânica da Universidade. Dr. António Agostinho Neto

Tema 6. - Contributo dos herbários no conhecimento para a conservação da flora angolana

Prelector: Dr.ª Marta Zumbo – Coordenadora do Herbário do Parque Nacional da Quiçama - Direcção Nacional da Biodiversidade/Ministério do Ambiente

INTERVALO

14h00 Gestão de Parques e reservas

Painel 2: Área de conservação.

Moderador: Ministro da Agricultura

Tema 1.- Áreas de conservação na economia de Angola

Prelector: Dr.ª Maria Lóa – Chefe de Departamento das Áreas de Conservação do Instituto Nacional da Biodiversidade e Área de Conservação/Ministério do Ambiente

Tema 2.-Estabelecimento da área de conservação marinha

Prelector: Dr.ª Maria de Lourdes Matos – INIP/ Ministério das Pescas

Tema 3.- Contributo do projecto Iona no fortalecimento da capacidade institucional para a gestão das áreas de conservação

Prelector: Mestre. Aristófanes Pontes – Coordenador do Projecto Iona - Instituto Nacional da Biodiversidade e Áreas de Conservação/Ministério do Ambiente

Tema 4.- Projecto Transfronteiriço de conservação ATFC KAZA

Prelector: Dr. Rui Lisboa – Coordenador Técnico Nacional

Tema 5.-Iniciativa Maiombe - Situação do gorila em Angola

Prelector: Eng. Agostinho Chicaia – Secretário Executivo da Iniciativa Transfronteiriça do Maiombe.

Ecoturismo e expedições científicas em Angola

Painel 3: Ecoturismo

Moderador: Ministro do Turismo

Tema 1. - Plano operativo Director do Turismo para a diversificação da economia

Prelector: Prof. Dr.ª Amélia Cazalma – Consultora Sua Excelência Ministro do Turismo/Ministério do Turismo

Tema 2.- Programa nacional de fomento ao ecoturismo nas áreas nas áreas de conservação

Prelector: Dr. Alexandre Mutsiau, Director Nacional das Actividades Turísticas/Ministério do Turismo

Debate

Painel 4: Expedições científicas e resultados

Moderador: Sua Excelência Ministro de Ciências e Tecnologias

Tema 1.-Redescoberta do Scarabeus do cancer em Angola

Prelector: Dr. Sango de Sá - Chefe de Departamento de Gestão da Biodiversidade do Instituto Nacional da Biodiversidade e Área de Conservação/Ministério do Ambiente

Tema 2.- Levantamento da herpetofauna em Angola

1.- Espécie endémica Chordylus Namakius

2.- Apresentação do Atlas

Prelector: Dr. Luis Ceriaco – Museu Nacional de História Natural de Lisboa

Tema 3.-Expedição National Geographic (Levantamento da Biodiversidade da Bacia Hidrográfica dos rios Cuito e Cubango, Cuando Cubango)

Prelector: Dr. John Hilton – Director do Projecto/Mestre. Ndjani Costa – Directora Assistente do Projecto

20h00 Encerramento da Conferência

Discurso de Encerramento - Maria de Fátima Jardim - Ministra do Ambiente